

ESTÉTICA ALFA: BIOFICÇÕES MIDIÁTICAS DO CORPO MASCULINO NAS PRÁTICAS DE *FINDOM* EM REDES SOCIAIS

Henry Fragel Madeira Peres

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade
Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES/PROEX.

henry@gmail.com

Ribamar José de Oliveira Junior

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade
Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES/PROEX.

ribamar@ufrj.br

Simpósio Temático nº 44 – PERCURSOS PORNOGRÁFICOS: POR UMA
EPISTEMOLOGIA DISSIDENTE

RESUMO

Neste artigo, analisamos as imagens compartilhadas em torno da “estética alfa” por perfis de prática *findom* (dominação financeira) na divulgação do trabalho sexual em redes sociais. Ao utilizarmos o recurso da etnografia *online* para acompanhar a circulação de imagens nas interações entre o público consumidor e os produtores de conteúdo, apresentamos o esboço dessas relações através da problematização dessas imagens nos perfis dos dominadores. Ao pensar nessas encenações do gênero masculino do dominador “alfa” constituídas de modo endereçado para um público sexual na internet, encaramos o processo de dominação financeira não apenas pela interação do trabalho sexual, mas pelas nuances entre a própria hipérbole da performance de gênero e as bioficções do corpo derivada da ótica da hierarquia entre alfa, beta e ômega presente nas imagens. Afinal, a dominação financeira ao mesmo que oculta o empreendimento de si no custeio do prazer nas redes farmacopornográficas, revela a fantasia da suposta natureza do gênero nas normas sexuais. Como a imagem do mestre ou do dominador pode ser atualizada na cultura BDSM¹ a partir da relação entre o escravo e a prática do *findom*, sobretudo, no contexto midiaticizado do trabalho sexual de plataforma? De tal modo, suscitamos que essas imagens podem ser mobilizadas em um circuito fechado de culto a si, onde o mestre exige da sua própria imagem adorada o reflexo do outro que cada vez mais aparece deliberado pelos seus próprios desejos.

Palavras-chave: Estética Alfa, Gênero Masculino, Corpo, Trabalho Sexual, *Findom*.

ABSTRACT

In this article, we analyze the images shared around the “alpha aesthetic” by findom practice profiles (financial domination) in the dissemination of sex work on social

¹ BDSM significa bondage, disciplina, dominação e submissão, sadismo e masoquismo.

networks. By using the resource of online ethnography to track the circulation of images in the interactions between the consuming public and the content producers, we present the outline of these relationships by problematizing these images in the profiles of the dominators. When thinking about these stagings of the male gender of the “alpha” dominator constituted in a way addressed to a sexual audience on the internet, we face the process of financial domination not only by the interaction of sex work, but by the nuances between the very hyperbole of the gender performance and the biofictions of the body derived from the optics of the hierarchy between alpha, beta and omega present in the images. After all, financial domination, while concealing the undertaking of the self in the cost of pleasure in the pharmacopornographic networks, reveals the fantasy of the supposed nature of gender in sexual norms. How can the image of the master or the dominator be updated in the BDSM culture from the relationship between the slave and the practice of findom, especially in the mediatized context of platform sex work? In such a way, we raise that these images can be mobilized in a closed circuit of cult of self, where the master demands from his own adored image the reflection of the other who increasingly appears deliberated by his own desires.

Keywords: Alpha Aesthetics, Male Gender, Body, Sex Work, Findom.

“BOM DIA, SEUS PIXSEXUAIS”

Quando tudo começou, nós navegávamos na mesma rede social a partir de olhares diferentes. Assim, apesar de um discutir sobre o trabalho sexual em plataformas e o outro analisar o fetiche da podolatria masculina, ambos investigávamos relações entre gênero, sexualidade e mídias digitais a partir dos usos do corpo em diferentes sentidos. Por isso, a proposta deste trabalho surgiu quando percebemos uma zona de contato entre nossas pesquisas, sobretudo, pela forma como a prática do *findom* (dominação financeira) intersecciona os campos a partir de uma interface comum midiaticizada, entre os fetiches e o trabalho sexual. Nessas perambulações pelo Twitter, observamos que muitos perfis de fetiche da podolatria masculina exerciam uma forma de trabalho sexual através de diversas plataformas de conteúdo adulto, sendo a rede social apenas um “cartão de visita” para o custeio do conteúdo endereçado ao público consumidor.

A partir dessas imagens de fetiche que remetem ao trabalho sexual, encaramos o que seria uma suposta “masculinidade alfa”, ou seja, um estereótipo que mobiliza o desejo através de uma estética própria de dominação sexual e financeira em torno da prática fetichista. Diante desses conteúdos postados em seus perfis, conseguimos perceber como essas imagens podem modular o desejo de quem busca o serviço, a exemplo da produção de subjetividade em torno das práticas do *findom*. Neste artigo, procuramos analisar algumas imagens compartilhadas por perfis de prática *findom* (dominação financeira) que

reforçam a divulgação do trabalho sexual nas redes sociais. Ao utilizarmos o recurso da etnografia *online* para acompanhar a circulação de imagens nas interações entre o público consumidor e os produtores de conteúdo, apresentamos o esboço do que chamamos de “estética alfa”. Ainda assim, apesar dessas interfaces entre pesquisas, consideramos tanto nossa imersão nesse campo algo novo como as reflexões teóricas sobre o tema ainda pouco exploradas.

Desse modo, nesse momento inicial buscamos mais uma imersão pela própria rede entre os usuários e consumidores do que uma reflexão mais profunda sobre a prática de *findom* e os seus limites dentro do convencionado no BDSM pela internet. De alguma forma, acreditamos que a rede tecida pelas afecções dessas imagens nos leva a um emaranhado entre agentes humanos e não-humanos, como pés, meias, tênis, cuecas, e fluidos corporais, como suor, esperma, saliva, que ganham uma certa rentabilidade na projeção imagética do dominador alfa. Diante disso, uma questão inicial nos move por agora no ambiente *online*. Como o *findom* articula e produz categorias sexuais e de gênero através do trabalho sexual nas mídias sociais? Embora diversas questões nos atravessem nesses encontros nas redes, pensamos que essa primeira oferece uma entrada possível para refletirmos na direção do *findom* para o fetiche, sobretudo, no contexto desse trabalho em específico, por mais que em outro momento estejamos na direção do fetiche para o *findom* e, possivelmente, no ambiente *offline* no eco da mesma pergunta.

O fato é que não há somente uma entrada neste campo, mas sim múltiplas formas de adentrar o circuito de desejo dessas corporalidades masculinas nas redes sociais, sendo nosso percurso um modo de escolher como veremos e adentraremos o próprio campo, seja através do *retweet* de uma foto de uma meia suja ou da interação com um dominador que nos chama de “sub”, “puta” ou até mesmo “pig”. Como dizia uma frase disposta em uma foto publicada por um dos perfis de dominadores que acompanhamos “bom dia, seus pixsexuais”, fazendo referência ao tipo de pagamento no pix pelo serviço oferecido nas redes, nos vemos pelos olhares do campo. Sem dúvidas, talvez por agora, sejamos mais “pixsexuais” do que propriamente pesquisadores e isso nos diz muito sobre onde estamos tentando entrar para investigar esses problemas. Por agora, vemos de longe o reflexo de um etnógrafo puta que *online* é visto como um dos cães do canil, o que nos instiga a pensar como seríamos vistos *offline*, lembrando que não só a nossa própria subjetividade conduz esse processo, mas também as práticas dos interlocutores que nos nomeiam.

PERCURSOS *ONLINE*: O ETNÓGRAFO PUTA NO TWITTER

Apesar dos olhares para o fetiche da podolatria masculina nos levar ao encontro do *findom* nas redes sociais, tentamos encarar o percurso etnográfico *online* de lugares diferentes. Assim, pensamos que a etnografia no percurso digital pode nos ajudar no acompanhamento da circulação dessas imagens e das interações entre consumo e prazer nas redes sociais, apesar do foco no momento ser as imagens compartilhadas em torno da “estética alfa”. Nesse sentido, nós criamos dois perfis no Twitter a partir das primeiras imersões no campo e não nos seguimos para percebermos como cada perfil possuía um engajamento próprio a partir da produção de subjetividade de cada pesquisador. Isso foi interessante por que de certa forma a “estética alfa” apesar de dialogada, possui algumas singularidades diante do percurso de cada pesquisador, principalmente, pelas nossas interações com o desejo enquanto consumidores dessas imagens dos dominadores e dos conteúdos compartilhados por eles. Como traz Hine (2016), a força da etnografia para os estudos de mídia foca no que acontece no campo, sobretudo, no momento em que a mídia é produzida e consumida, sendo esse próprio consumo algo inerentemente social.

Dessa forma, cada um em seu perfil anônimo criou uma conta. Sem foto de rosto, utilizamos imagens do próprio circuito imagético dessas interações em torno do fetiche e da prática do *findom*, destacando o interesse de pesquisa no nosso nome do usuário ou na nossa bio do perfil. Por isso, dividimos a pesquisa em três etapas, embora consideremos que nesse esboço estamos em uma fase de transição da primeira fase para a segunda fase. Agora, após a imersão inicial no Twitter de modo anônimo (1), buscamos seguir perfis de dominadores e interagir com algumas publicações de imagens, avançando para algumas conversas em mensagens diretas (2) já com o perfil identificado com nossas fotografias. É de interesse nosso movimento partir do ambiente *online* para o *offline* (3), levando em conta a necessidade de pensar o contexto particular dessas sociabilidades para além da internet. “O aumento massivo das formas de sociabilidade que são refletidas *on-line* e, por sua vez, permeadas em espaços mais amplos da vida social ofusca as fronteiras entre *on-line* e *off-line*” (HINE, 2016, p. 11, grifo original).

Nesse contexto, partimos do pressuposto de que o *findom* pode ser um modo de vida estilizado, não só para quem produz o conteúdo para consumo, mas para quem consome esses conteúdos no complexo híbrido entre os ambientes *online* e *offline*, produzindo categorias através da mobilização de imagens em torno de uma ética da desumanização que alcança o que seria uma “estética alfa”. Se o Twitter emergiu mais

recentemente como espaço para o *findom*, podemos pensar na forma como esses fetiches são formados e moldados pelas práticas de consumo midiático. Até porque, essas imagens produzem afecções nesse espaço interativo, rico e passageiro que nos mostra como o trabalho sexual nas redes sociais aparecem no desdobramento para plataformas que podem modificar as estruturas de recompensa e reconhecimento.

Através de *insights* e interações, vimos a dimensão corporificada da internet no nosso próprio percurso, onde foi possível inclusive acessar dos nossos dispositivos celulares esses fetiches na nossa cotidianidade, pois essa primeira visualização ou esse primeiro tipo de mapeamento dessas atividades *online* direcionou a atenção para o local de interesse das estéticas e dos corpos, nos levando pelas imagens compartilhadas do *findom*. A associação entre nossos perfis permitiu encontrar uma preliminar “topografia do campo” debaixo dos pés masculinos e por meio do trabalho sexual, na mira de um etnógrafo puta que faz do clique o prazer do dominador que vive da própria imagem saturada e exacerbada. Talvez, essas primeiras notas sobre as imagens compartilhadas nos diga algo sobre os sentidos do *findom*, onde o termo puta ao lado de etnógrafo nos mostra como somos vistos por querer realizar uma etnografia online imprópria dessas práticas.

O FINDOM ONLINE: PENSANDO ENTRE BETA, ALFA E ÔMEGA

Ao pensarmos com Foucault (2004) sobre a liberdade como nossa própria criação, vemos como ela não é uma descoberta do desejo e muito menos algo secreto, mas uma forma de expressão que abarca o desejo em suas novas formas de criação. Se o sexo é uma forma de aceder a uma vida criativa, ele mostra como as pessoas podem vivenciar sua liberdade sexual nas formas como a sexualidade se tornou uma fonte produtiva de nós mesmos. “O mundo considera que a sexualidade constitui o segredo da vida cultural criadora; ela é mais um processo que se inscreve na necessidade, para nós hoje, de criar uma nova vida cultural, sob a condução de nossas escolhas sexuais” (FOUCAULT, 2004, p. 261). Nesse sentido, ele não está falando de uma defesa da identidade sexual, mas de uma afirmação não somente como identidade, mas como força criativa, o que nos interessa para pensar nessas imagens compartilhadas em torno da cultura do *findom* como criações culturais, sobretudo, nos termos das inovações que implicam essa prática nas redes sociais e nos modos de vivenciar o desejo em rede no contexto do BDSM em ambientes *online*.

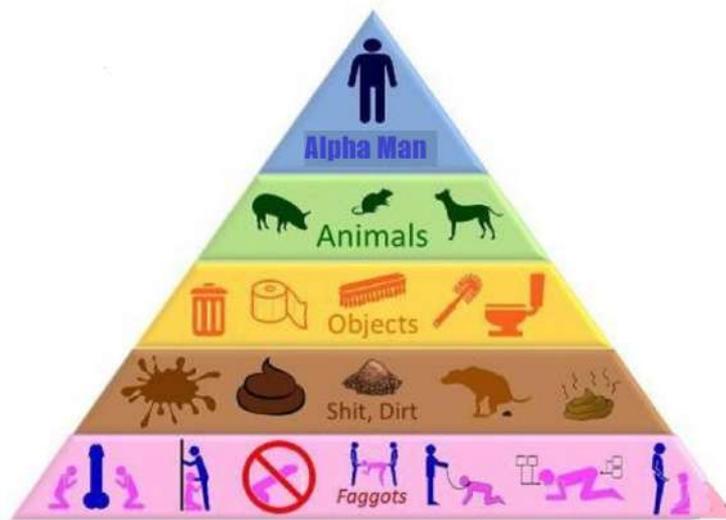


Figura 1: Pirâmide esquematizada para demonstrar o poder do homem alfa, estando ele superior aos animais, aos objetos, às secreções humanas e animais e, por último, ao que seria tido como “bichas” que serviriam de escravas para os alfas em última escala de servidão social.

Quando cita Rubin, Foucault (2004) aponta novas possibilidades na erotização do corpo e na dessexualização do prazer, tendo em vista que o prazer sexual como base para outros prazeres é algo falso, pois essas práticas mostram como produzir prazer entre objetos estranhos e/ou cotidianos, partes do corpo e situações inabituais, ou seja, em criações reais de novas possibilidades criativas. Inclusive, Rubin (2011) mostra como a comunidade S/M² faz a transmissão de técnicas através da experiência, tendo a segurança da prática, o recurso da imaginação e a atração do desejo como os fatores que constituem reputações no controle do próprio jogo. Entre sádicos e dominadores, ela destaca a figura do mestre dentre acordos e excitações. É interessante perceber como ela enfatiza que os sádicos não oprimem os masoquistas, apesar dos privilégios de classe, raça e gênero não desaparecerem no mundo S/M, pois o poder social que os indivíduos trazem para a comunidade afeta a capacidade de negociar dentro dela, embora não haja determinação nem correspondência dos papéis adotados para o jogo. O excitante, para a autora, seria pensar que o sexo, não apenas o gênero, foi colocado como questão política, gerando discursos políticos mais criativos desde a década de 1970, pois essas práticas eróticas dissidentes contribuem para repensar o radical sobre a sexualidade.

² Sigla que se refere ao sadomasoquismo.



Figura 2: Esquema que mostra diversas categorias produzidas a partir da convenção do “macho alfa”, entre homens, alfas submissos, submissos, escravos e bichas, elaborando funções e regras que conduzem em sua maioria o consumo no *findom*.

Para Preciado (2014), mais Rubin do que Foucault trouxe a relação entre corpo e objetos sexuais, pois segundo o autor ela não teve medo de adotar os modos de produção de capital e da cultura popular como referência. Na contrassexualidade, ele explica que o estabelecimento de relações contratuais S/M faz parte de um dos momentos de mutação pós-humana do sexo, maiormente, pelo fato da paródia e da transformação plástica que aparecem nas práticas contrassexuais serem uma deriva radical do sistema sexo/gênero, ou seja, a exclusão de certas partes do corpo como não sexuais aparece na operação que naturaliza as práticas que reconhecemos como sexuais. No caso, essas práticas S/M e esses pactos que regulam a submissão e a dominação tornaram evidentes as estruturas eróticas de poder subjacentes ao contrato que a heterossexualidade impôs como o suposto natural, sendo assim cabe “repensar tanto o S&M quanto o fetichismo não mais como perversões marginais à sexualidade ‘normal’ dominante, e sim como elementos essenciais da produção moderna do corpo e da relação deste com os manufaturados” (PRECIADO, 2014, p. 97-98).

Dessa forma, se é impossível estabelecer os limites onde terminam os “corpos naturais” e onde começam as “tecnologias artificiais”, poderíamos pensar o fetiche e a internet a partir da suposta masculinidade alfa e a sua construção tecnológica, tendo em vista o “corpo masculino” ser em si já uma prótese orgânica à serviço de mecanismos mais amplos. No caso, o corpo masculino qualificado como alfa pode ser mobilizado por uma “prótese-da-sensibilidade” (PRECIADO, 2014) pelas mídias digitais em uma continuidade própria orgânica-inorgânica. Nesse contexto, pensamos nas formas criativas de produção de prazer a partir do BDSM *online*, conforme aponta Kien (2011) sobre o

que seria a transgressão 2.0 na internet, tendo em vista que muitas transgressões sexuais anteriores à *web 2.0* costumavam ser mantidas em sigilo e o assunto era abordado nos termos médicos ao passo que na condição de mídia as mesmas foram transformadas em mercadoria. De acordo com ele, no final da década de 1980 ao início da década de 1990, praticantes de S/M começaram se conectar anonimamente na internet. Pela primeira vez pessoas em todo mundo, com mais ênfase nos Estados Unidos, de acordo com o autor, cujas práticas sexuais foram tidas como “perversas” ou “anormais” conseguiram se encontrar com poucos riscos a suas vidas cotidianas, proporcionando com o passar dos anos o que estaria próximo de uma “subcultura *online*” formada na internet.

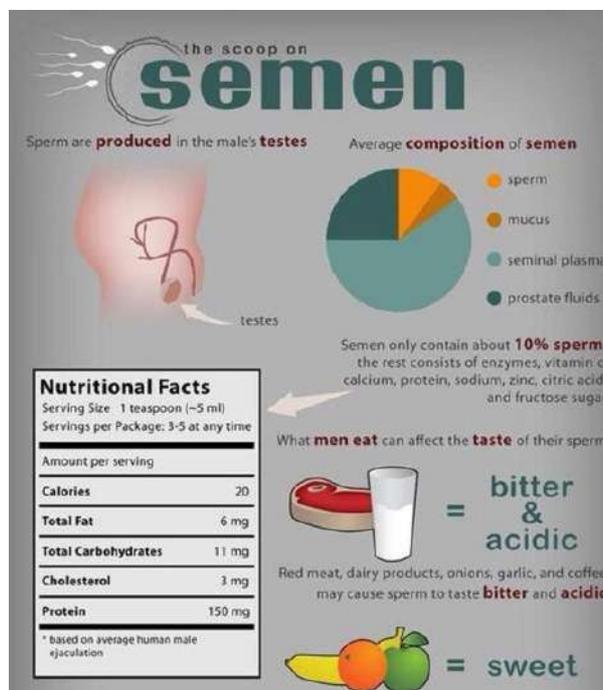


Figura 3: Infográfico que mostra o teor nutricional do sêmen, tendo em vista que o fluido corporal do alfa vale de modo rentável no modo como a prática do findom monetiza o fetiche no corpo do alfa.

Nesses saltos tecnológicos que tornaram possíveis o acesso aos modos vida subculturais, Kein (2011) destaca que três avanços tecnológicos mudaram radicalmente a construção da subjetividade sexual e erótica diante das opções estéticas do consumidor: a compressão do arquivo da imagem, a invenção da *world wide web* e os avanços do comércio *online*. Nos últimos 20 anos, o BDSM e a sua relação com a tecnologia proporcionaram uma comunidade subcultural transgressora no ambiente *online*, onde novas regras são estabelecidas enquanto velhas formas culturais acabam sendo adaptadas aos novos *scripts* performativos dos formatos tecnológicos. Ele procura pensar como a

rápida convergência entre tecnologias móveis e as experiências cotidianas torna absurda a noção apartada da própria realidade física e virtual e, em termos de estética erótica e performatividade, o consumo cotidiano e as performances eróticas não convencionais se correlacionaram com a mercantilização *online* e a proliferação pornográfica. De tal modo, o argumento de que as transgressões sexuais têm sido reapropriadas como uma fronteira de capital toca no debate da integração dessas práticas eróticas transgressivas na confusão de ambientes *online* e *offline*, singularizando a realidade da prática do *findom*.



Figura 4: Quadrinho que representa o papel das categorias mais submissas ao alfa, seja os submissos ou as bichas, que o serviriam lambendo as chuteiras como objeto que potencialmente carrega suor e odor do alfa.

O *findom* (dominação financeira) consiste em um espectro de práticas sexuais em que um dominador/mestre explora – drena, de acordo com o léxico corrente nessas redes – economicamente um submisso/escravo, o qual demonstra sua sujeição por meio da compra de itens físicos ou de conteúdos digitais, do envio espontâneo de tributos ou do reembolso de gastos cotidianos. Nesse processo, é demandada do submisso a adoção do que seria uma ética performativa da desumanização que toca na estilização da estética alfa. Tais práticas são inseridas em complexos circuitos de desejo que desafiam a solidez de identidades sexuais pré-estabelecidas em nome da “verdade do sexo” (FOUCAULT, 2006) ou da “libido objetal” (FREUD, 1976), pois as identidades do dominador e do submisso são produzidas deliberadamente a partir de ficções polimorfos, que, quando midiaticizadas, não têm como finalidade ou intenção a realização ou a mimese de um ato sexual físico, mas da experiência de rebaixamento. É comum que os mestres drenem

simultaneamente vários submissos, conjunto ao qual se referem entre si como “canil” ou “harém”, dentre os outros nomes que remontam semanticamente à animalização e à submissão. Esse modelo de monetização se assemelha ao de plataformas de trabalho sexual, como a rede social de conteúdo adulto Onlyfans, que permitem o acesso ao conteúdo de um perfil por meio de uma taxa de assinatura.

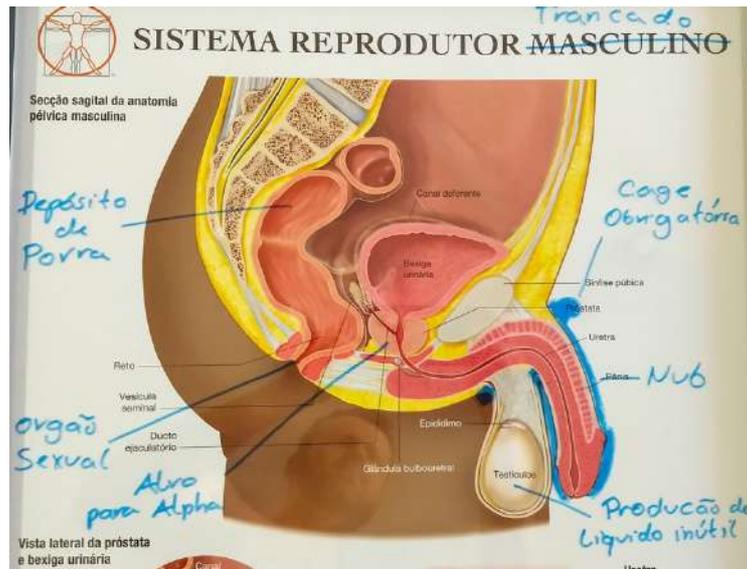


Figura 5: Esquema que visa reconstruir as funcionalidades do corpo tido como masculino pela anatomia pélvica através da visão do alfa.

Na dominação financeira, o pagamento do tributo possibilita o acesso ao capital humano que torna prazerosa a própria degradação a partir do fetiche: determinados traços físicos e emocionais, incluindo a expertise em determinadas práticas de estilização corporal inscritas na cultura BDSM. Como nota Yang (2020) em seu trabalho sobre a performatividade fotográfica dos mestres de *findom*, o escravo deseja o mestre e o mestre deseja o desejo. Assim, o dominador não representa um centro de autoridade cristalizado, ao passo em que, ao mesmo tempo que costuma dispor de diversos submissos, disputa a conversão do desejo sexual em desejo de compra e fidelização com outros dominadores e com demandas pessoais do submisso, moldando a imagem muitas vezes do próprio mestre que se adapta a demanda do consumo. Weiss (2011) observa, em sua etnografia da cena BDSM californiana dos anos 90, a correspondência entre a proliferação de práticas sexuais e a criação de identidades de consumo. A autora compreende roupas, acessórios e brinquedos utilizados como fetiches sob uma lógica dupla, freudiana e marxista, como mediadores e/ou substitutos de relações sexuais e sociais.

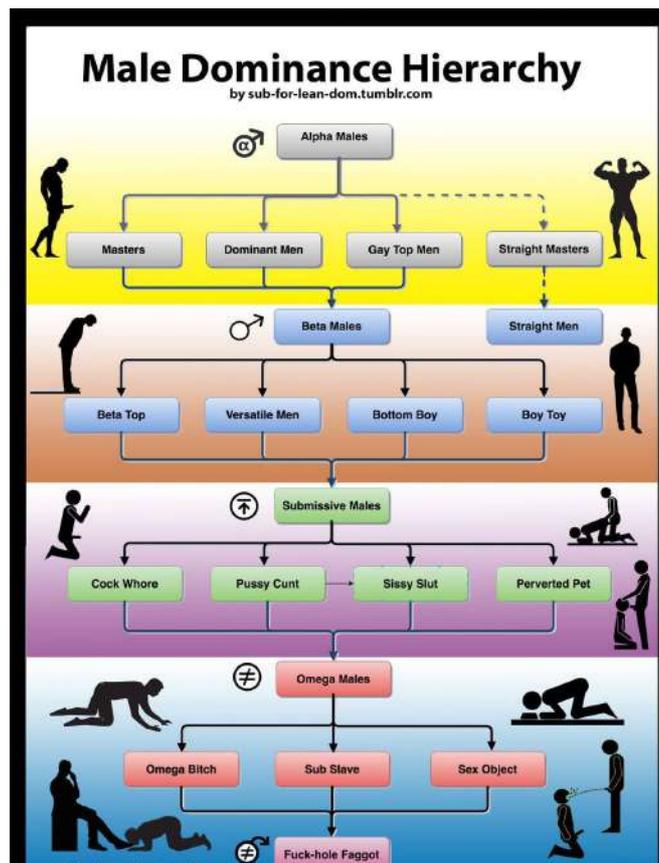
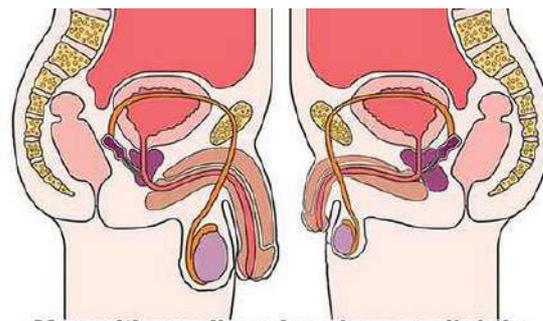


Figura 6: Genealogia que mostra a hierarquia da dominação do macho, apontando a figura do macho alfa no topo até o “buraco de foder” das bichas, entre os betas e os ôegas.

Esses objetos e seus usos também estão ligados à decomposição do corpo em zonas as quais são prescritas algum tipo de ação – ou restrição. Reencenam, mistificam, tensionam e flexionam contradições sociais como público e privado, prazer e dor, masculino e feminino. Nas relações de *findom*, esses fetiches são, em sua maioria, conteúdos intangíveis, quando não um objeto usado, geralmente roupas, impregnadas por resquícios do dominador, como secreções e fluidos corporais, estimulando no comum midiaticizado “sensações não necessariamente ligadas ao valor de uso da mercadoria, mas ao prazer da fantasia implícita na realidade que se fabrica” (SODRÉ, 2014, p. 188). À imagem inversa dos objetos aparentemente sem valor que se tornam mercadorias – como vídeos pessoais e objetos inutilizados –, mostram como a vida humana e o corpo podem adquirir outro valor nas esferas do reconhecimento, “rebaixados” aos animais e/ou aos objetos, para fins de fruição sexual fetichista de consumo e de acordo com os critérios do trabalho sexual que organizam uma realidade concorrente nesse ambiente *online*.



Men with small penises have a slightly larger prostate and is located closer to the anal walls allowing for easier simulation of the prostate. Ergo, making anal sex more pleasurable from prostate orgasms than normal intercourse. Studies show the smaller the penis the more intense the simulation to the prostate when penetrated.

Figura 7: Representação do que seria uma visão do alfa sobre a próstata dos homens de pênis pequeno, apontando que eles possuem a próstata um pouco maior na capacidade de prazer sexual anal.

Diante das encenações do gênero masculino do “dominador alfa”, constituídas a partir das especificidades do consumo *online* e do público-alvo, encaramos o processo de dominação financeira não apenas pela interação do trabalho sexual, mas pelas nuances entre a hipérbole da performance de gênero tida como masculina. Afinal, ao observarmos as imagens divulgadas nos perfis do mestre e/ou (dom)inador, vemos uma dimensão fantasmagórica das normas sexuais e de gênero, onde a cultura e o discurso enredam o sujeito, mas não o constituem. “O ‘real’ e o ‘sexualmente factual’ são construções fantasísticas – ilusões de substância – de que os corpos são obrigados a se aproximar, mas nunca podem realmente fazê-lo” (BUTLER, 2016, p. 210). Nesse sentido, a paródia mostra a impossibilidade de se tornar “real” e de encarnar “o natural” em torno da falha constitutiva das imposições do gênero. No caso da performance do mestre no papel de dominador, seria possível falar de talvez um efeito de pastiche dessas masculinidades parodísticas de um suposto original, onde o autêntico e o real seriam constituídos como efeitos. Se o gênero é um “ato”, os mestres dominadores no *findom* mostram uma exibição hiperbólica do “natural” em seu exagero revelam seu status fundamentalmente fantasístico. Ao pensarmos o que poderia ser o alfa, beta e ômega, observamos categorias que se proliferam na identificação de cada consumidor pelas ficções polimorfos do fetiche.



Figura 8: Montagem que mostra a visão do alfa e a visão da bicha, retratando que o lugar natural da bicha seria debaixo dos pés do alfa e pedindo para o submisso ocupar esse lugar de escabelo dos pés do dominador.

Essas bioficções do corpo que coproduzem a ótica da hierarquia entre alfa, beta e ômega, e a produção de subjetividades e de estilizações corporais mostram a lógica do autoaperfeiçoamento reverso do consumidor e da degradação na midiatização dessas práticas compartilhadas pelos dominadores. Ao fazer uma releitura da heterotopia foucaultiana, Preciado (2020) traz um horizonte possível para pensar essas constituições do “corpo masculino alfa” pela pornotopia, tendo em vista essa ficção teatralizada da sexualidade. Operando na tensão entre identidades *online* e *offline*, a pornotopia é caracterizada justamente pela “sua capacidade de estabelecer relações singulares entre espaço, sexualidade, prazer e tecnologia (audiovisual, bioquímica etc.), alterando as convenções sexuais e de gênero e produzindo a subjetividade sexual como um derivado de suas operações espaciais” (PRECIADO, 2020, p. 126). Essa forma de organização da realidade permite que redes de desejo altamente homoeróticas sejam estruturadas por hierarquias e tipologias complexas que não só parodiam, ironizam, exageram ou subvertem discursos biológicos, morais e sociais comuns à realidade *offline*, mas justificam e modulam as formas de existência que a compõem.

“A humilhação é gerada para o prazer dos consumidores” (DIÁZ-BENÍTEZ, 2015, p. 69) e, mais do que isso, é o próprio bem intangível comercializado. Parte da encenação da crueldade se deve, também, à inversão da posição protegida do cliente, de quem o dominador tira vantagem financeira de forma consentida. Assim, a estratificação de masculinidades é acompanhada da disposição dos submissos (beta/ômega) a dedicar tempo e dinheiro para obter a atenção e o comando dos dominadores (alfa), que costumam ostentar um estilo de vida caro atribuído ao exercício da drenagem financeira que realizam por meio dessas relações/transações. De acordo com Federici (2013), o trabalho sexual atua na reprodução das relações sociais, especialmente as de gênero, mobilizando uma

série de afetos que mistificam relações de dependência econômica. Sob essa ótica, a prática *findom* é o trabalho sexual orientado para uma reformulação fictícia da subjetividade, que pode se desenvolver dentro das potencialidades criativas do acordo fetichista ou resultar no que Diaz-Benítez (2015) chama de fissura, momento em que esse pacto é rompido em virtude de práticas abusivas. É, também, uma prática que articula o desejo sexual e o desejo de compra de modo contraintuitivo: não existe proporção entre os valores que se pagam e a disponibilidade do dominador, assim como os gastos não indicam qualquer prioridade de atenção.

PARA O OFF

Como uma pornotopia localizada que existe em e através dos espaços *online*, essas bioficções orientam uma ordem midiaticizada que concorre com a apresentação pública da identidade pessoal e mesmo com a matriz de gênero cisheterossexista, uma vez que são diagramadas múltiplas formas de se exercer entre membros de uma comunidade fetichista e interações mistas com admiradores externos. Uma lógica de prazer desconectada de circuitos normativos em que se incorporam sentimentos como a dor, a vergonha e o nojo, rege a produção de uma subjetividade, mediada por mercadorias tangíveis e intangíveis – que consiste na degradação: o autoaperfeiçoamento do submisso é um processo de desumanização dedicado a, por meio da repetição do espetáculo da humilhação, produzir performativamente uma posição hierárquica em uma realidade que parodia discurso sobre a vida, a existência, a biologia e a organização social.

A dominação financeira, ao mesmo tempo que oculta o empreendimento de si no custeio do consumo articulado nas redes farmacopornográficas, revela a fantasia da suposta natureza do gênero nas normas sexuais. Somente essas imagens nos oferecem um modo de instiga para pensar as imagens de si que os mestres e dominadores fazem com fotos dos pés sujos, vídeos de cuspes na câmera e *selfies* com manchas de suor nas axilas. Sem dúvidas, essas mesmas categorias podem ter um outro desdobramento *offline* e isso nos interessa ao lado da visão do mestre no circuito fechado do imaginário midiático de culto a si mesmo. Afinal, a dominação financeira ao mesmo que oculta o empreendimento de si no custeio do consumo *online* revela a fantasia da suposta natureza do gênero nas normas sexuais. De tal modo, talvez essas imagens dos mestres que são um reflexo desses compartilhamentos nos mostrem o que o mestre/dominador exige da sua própria imagem adorada o reflexo do outro.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade. **Mana**, v. 21, p. 65-90, 2015.

FEDERICI, Silvia. **Revolución en punto cero: trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas**. Villatuerta: Traficantes de Sueños, 2013.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **verve**, n. 5, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HINE, Christine. “Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia”. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016, pp. 11-27.

KEIN, Grant. “BDSM and transgression 2.0: the case of Kink.com”. In: GOURNELOS, Ted; GUNKEL, David J. **Transgression 2.0: media, culture, and the politics of a digital age**. New York: Continuum, 2012. pp. 118-133.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

RUBIN, Gayle S. “The Leather Menace: comments on politics and S/M”. In: RUBIN, Gayle S. **Deviations: a Gayle Rubin Reader**. Duke University Press: Durham & London, 2011. pp. 109-138.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional**. Petrópolis/RJ: Vozes; 2014

WEISS, Margot. **Techniques of pleasure: bdsm and the circuits of sexuality**. Durham & London: Duke University Press, 2011.

YANG, Nel. Arousal and elicitation: photographic performativity in findom. **Membrana**, v. 5, n. 2, p. 1-16, jul. 2020.